

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne

Administrador, Antonio Dantas

Redacção: Praça de S. Thiago

Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa

DOS

Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

A "Nação,"

As condições difíceis dos semanarios, que nós inclementemente soffremos, impediram-nos de, no nosso numero anterior, felicitar-mos o venerando decano do jornalismo portuguez, o nosso illustre collega «A Nação» pelo anniversario da sua publicação.

Não cabe nos estreitos moldes das habituaes saudações que, por egualdade de motivo fazemos aos outros nossos collegas, as que nos compete fazer-lhe.

Sem que estas palavras representem para elles o mais leve desprimor, é licito que tributemos ao glorioso e honesto velhinho excepçoes deferencias.

Com effeito, não será sem um justo sentimento de admiração que todos nós que escrevemos para o publico, e que todos quantos leem jornaes, olhamos para essa longa vida, tão operosa, tão limpida, tão austera, tão incorruptivel e tão firme nas suas esperanças e nas suas convicções, como desinteressada nos seus intuitos.

Combatendo pela realza do snr. D. Miguel, que elle cria legitima na sua essencia, e adequada, mais do que o liberalismo, á indole da nação portugueza, nem o triumpho do constitucionalismo, nem a successão dos monarchas que sob esse regimen reinaram em Portugal, nem depois da queda da monarchia constitucional, a opressão do novo regimen, e as irreverencias com que elle trata tudo quanto se relacione com o passado, fizeram jamais o illustre decano de imprensa periodica desfalecer ou sequer desanimar no honrado intuito de defender o que elle julga a verdade e o direito.

Neste mar revolto, onde tumultuam em lucta demoniaca a sofrega ambição dos politicos, onde a pusilanimidade fluctua ao sabor das correntes, onde as torpezas medram e a corrupção triumphou, o legitimismo apparece-nos representado pelo seu orgão, como a ilha misteriosa e encantada, sempre serena e sempre firme, que as tempestades não arrazam, que os cataclismos não subvertem.

Ao snr. João Franco Monteiro, seu illustre Director, e aos seus dignos collaboradores, successores de outros directores e outros collaborado-

res que uns dos outros vão herdando as crenças, as convicções, o talento e a honestidade, condições estas *sine qua non* ninguem tem o direito de escrever na «Nação», enviam os «Echos de Guimarães» a sua mais calorosa saudação pelo seu anniversario; e se, porque não combatemos precisamente pela sua causa, não poderíamos, sem contradicção, fazer votos pelo triumpho da sua, não podemos em todo o caso deixar de os fazer, e muito sinceros, porque o bom Deus disponha as coisas de forma que entre os monarchicos não haja motivos que os impeçam de se abrigarem á sombra de uma bandeira commum abraçando-se então sem reservas nem desconfianças, como puros defensores de uma causa unica.

Como elles mudaram!

Os nossos homens de governo são unicos no mundo; gostam de andar sempre ás avessas do que se faz nas mais adeantadas nações.

Hoje em todos os paizes civilizados a liberdade é um facto que todos respeitam como o mais claro expoente do progresso. Pois os nossos governantes que em tempos idos não cessavam de clamar a toda a força dos pulmões liberdade e nunca estavam contentes com a que lhes davam, por mais larga que fosse, hoje são d'uma soviniçoes espantosa, escandalosamente avaros com a melhor garantia dos regimens constitucionaes; não a dão senão dosimetricamente, em gotas pequenas, em migalhas tão deminutas que mais parece um escarneo do que o reconhecimento d'um direito; e ainda por essas expremidas gotas julgam fazer-nos um grande favor e querem que lhe fiquemos obrigados.

Nestes angustiosos momentos que estamos atravessando, ser-nos-hia um allivio podermos gritar a nossa dôr e chorar alto os nossos males; pois nem isso nos consentem.

Nunca as liberdades publicas estiveram tão desfalcadas e minguadas como hoje. Até o respiradouro da imprensa está entupido. Havemos de soffrer e calar como vis escravos, carecidos de direitos. A isto chegaram na mais vergonhosa das incoherencias os que noutros tempos mais desennevoados se apresentavam como paladinos e arautos da liberdade. E esses mesmos eram tão curiosos de saber os segredos do Estado que queriam que tudo se tirasse a claro, ainda as mais delicadas negociações diplomaticas, que uma indiscrição ou inconfidencia podia mallograr.

O povo, bradavam elles, tem direito a saber como é governado, como dispõem dos seus dinheiros, como dirigem os seus destinos. Se os politicos se remettem ao silencio, é porque receiam que se descubram as suas immoralidades

e tranquiernas. Faça-se luz em toda a administração do Estado e veja o povo como é administrado. Pois o silencio que tanto censuravam nos politicos do regimen decaído, é hoje a sua regra de proceder.

Em que se teem dispendido tantos milhões de contos de reis, sem que o bem-estar do povo meliore e a sorte da nação esteja mais segura?

Que promessas se fizeram ou que compromissos se tomaram, para effectivar a nossa participação na guerra?

Vão-se pedir á nação, já quasi exgotada nos seus recursos, os mais pesados sacrificios. E não ha quem nos explique clara e sinceramente como se entabularam as negociações e como teem corrido para que, após dois annos de guerra, nos vissemos necessitados a entrar nella.

Dizem-se muitas coisas e aventam-se muitas hypotheses sobre a nossa situação internacional; mas os governantes julgam de ouro o silencio e nada dizem do que nos tem custado e do que nos custará a nossa belligerancia.

Que differença haverá d'este modo de proceder ao que se usava nos tempos do chamado despotismo?

O povo parece que é mais agora do que nos tempos do despotismo, considerado como quantidade desprezível. O que querem é que elle pague e se cale; e não lhe dão mais consideração.

P. A.

Coisas que o Patrão disse ... de si e dos outros

Que foi recebido em Inglaterra tal qual o grande Elias — optimamente...

Que os homens mais notaveis d'Inglaterra estão admirados com a politica portugueza.

Que o rei d'Inglaterra e o presidente da França ficaram encantados com elle.

Que Lord Grey tem pela ré publica do snr. Affonso uma grande amizade.

Que o mesmo tinha uma grande confiança nos trabalhos dos republicanos.

Que estas disposições simplificaram muito a tarefa do patrão.

Que uma das mais flagrantes provas do carinho do dito Lord para com a ré publica, foi o cuidado com que, ao redigir o *convite* á valsa, escolheu as palavras mais dôces, como *cordealmente*, *presidencialmente*, etc.

Que a Inglaterra liga uma grande importancia moral e material á nossa intervenção na guerra.

Que nos deve honrar e lisongear muito termos o nosso sector proprio a defender.

Que sua *democratica inselencia* por sua parte se confessa extremamente penhorado com tanta honra, e livre de uma penhora com o correlativo proveito.

Que a França applaudiu muito a cordealidade de Lord Grey no seu convite.

Que a frieza britannica é uma lenda: anda por lá tudo cheio de fogareiros acesos.

Que foram (o Patrão & Comp.ª) muito amimados com promessas e... doces.

Que tiveram convites por uma pá velha para recepções no Chat Noir e ceiar no João do Buraco tudo á borla, automoveis e policia *secreta*... para a reconhecida valentia de sua inselencia se não melindrar.

Que a dita policia acompanhava sua inselencia até a Whit Chapell, até nas visitas aos museus e até aos lugares onde é costume ir uma pessoa só de cada vez.

Que o snr. Asquith teve tanta curiosidade em ver o portento lusitano que até o mandou ir á mostra.

Que o mesmo fez o Rei.

Que com ambos conversou sobre a situação interna e externa e vice versa.

Que disse ao snr. Asquith que as difficuldades da ré publica no ponto de vista da sua estabilidade são cada vez mais pequenas e mais insignificantes.

Que Lord Asquith disse com a cabeça que sim e que saboreou muito bem saboreadas as suas palavras, principalmente quando sua inselencia fallou na inefficacia das ridiculas tentativas *monarchicas* de 1914.

Que tratara com o rei Jorge de assumptos muito interessantes, como a abertura de S. Carlos, o hypopotamo e outras.

Que sua magestade se mostrou muito lisongeado com a importancia que, como aliados, lhe davamos.

Que a mesma magestade lhe mostrara o seu *reconhecimento*, em palavras de *penhorante simpatia*, pela generosidade de sua inselencia em permittir que fossem entregues ao snr. D. Manoel algumas coisas que lhe pertenciam.

Que s. inselencia lhe replicara que cá a ré publica é assim: não sendo dinheiro, nem coisa que o valha, não se lhe toca.

Que lhe dissera tambem que isso não era habilidade nenhuma, e que até acrescentara:

nós republicanos, fortes; talassas pelo contrario fracas e sem importancia, sem base moral, sem tatica, e pouquissimos principalmente depois do 14 de maio.

Que as ultimas eleições, tal qual como as primeiras, foram liberrimas. Só quem não quiz é que não foi á urna, a secco, pois que o carneiro com batatas já se acabou.

Que ao contrario do que por ahí se diz, não reparou que a Inglaterra se interesse pelos talassas.

Que, parecendo-lhe que o monarcha britannico estava um pouco desconfiado, pôz logo as coisas nos eixos declatando textualmente que se pôde dizer da monarchia portugueza como da républica romana — um artigo de ferro velho.

Que os monarchicos portuguezes não fizeram caso do telegramma d'El Rei, a respeito da sua attitude perante a guerra, o que prova a inteira falta de cohesão dos monarchicos.

Que S. M. Jorge V ficara um pouco intrigado sem perceber como — não havendo cohesão entre os monarchicos — fizeram todos a mesma coisa.

Que os monarchicos não valem coisa nenhuma nem mesmo aquelles que, como republicanos, eram grandes homens. Dissolvendo-se todos na tinta dos tinteiros com que escrevem contra a ré publica. De qualquer forma, puros phantasmas, que só a velha mania das reviviscencias inuteis permite falar d'elles.

Que o rei de Inglaterra fallou da ré publica do snr. Costa com a maior amizade, a vêr se o apanha para lá, para lhe fazer tambem uma republica de trazer por casa, quando tiver de ir a sitio em que dispense comitiva.

E finalmente que o mesmo Augusto Senhor concordou plenamente com o mesmo snr. Costa quando lhe affirmou que Portugal encontrou na instituição republicana a sua forma definitiva e que era por isso que se achava ao lado da Inglaterra, porque até ahí...!!!... livra!

Dr. João de Meira

Passa amanhã, 25 de setembro, o terceiro anniversario do fallecimento d'esse bom e talentoso rapaz, que a morte tão cedo arrebatou aos affectos da Familia e dos amigos, e á admiração dos seus concidadãos.

Em três annos muitas coisas se passam, torpezas succedendo-se a heroismos, ignominias tomando o logar á dignidade.

O bem e o mal succedem-se, passam os homens, passam as ideias; três annos nada são na vida da humanidade, quando no seu dobar de successivos dias, nenhum acontecimento de vulto nos affecta; elles passam sem que d'elles nada nos fique na memoria.

Mas quando elles registam uma alegria ou principalmente uma dôr, elles são bem a medida da grandeza d'esse sentimento, quando volvidos elles, conservamos no espirito e no coração bem gravado e bem nitido o sentimento que no seu inicio experimentamos.

E porque, agora como então, deploramos a perda d'esse bom, honesto e talentoso rapaz, é que vimos desfolhar sobre a sua campa as flôres sempre vivas da nossa saudade e juntar as nossas lagrimas á da sua inconsolavel e illustre Familia.

Ignota Deia

Talvez, por me saber tão infeliz,
Eu lhe causasse ainda algum pesar,
Se Ella soubesse lêr no meu olhar
O segredo que a boca lhe não diz...

Não me inspire banas desejos vis,
Que eu, nem sonhando, a quero profanar,
Ergui-lhe no meu peito um lindo altar,
Tão puro como as almas infantis!

Mas, junto d'ella, mostro-me risonho,
E sufocando a minha dôr terrivel,
Sereno e o meu olhar componho...

Não ha no Mundo um quadro mais horrivel
De que um homem sonhar um belo sonho
E despertar amando o impossivel!...

DESCONHECIDO.

A suspensão temporaria do nosso semanario impediu-nos até agora de dar á estampa este bello soneto, cujo auctor, tão talentoso como modesto, amavelmente nos enviou.

Pedimos desculpa da demora e felicitamos o mimoso poeta.

GAZETAS CATHOLICAS

Recebeu aqui de mão de mestre o devido correctivo a *Republica*, porque desfigurando e generalizando factos e truncando documentos, procurou dar corpo entre nós ao *rumeur infame*, á obra de difamação do clero empreendida em França pelo sectarismo maçónico.

Irritava-lhe os nervos a especulação de certas *gazetas catholicas* (sic) publicando insistentemente as noticias demonstrativas do patriotismo e da coragem heroica do clero francez, que assim desafrontava de vituperios por cá repetidos,

Por isso deturpou o caso do padre Charvet, cujo patriotismo a parcialidade da injusta sentença condemnatoria não pode occultar.

Batendo por fim em retirada e cantando a medo a palinodia, veio agora o jornal aero-evolucionista, sem leme nem governo, estatelar-se no chão. Não teve a hombridade de confessar francamente o seu erro. Não quiz reconhecer a injustiça de uma condemnação, que não podendo attribuir intenção criminosa a exhortações patrióticas, inventou o prejuizo que á defeza da França causaria o desanimo provocado pela recordação, (mais de um anno depois) da sua notoria deficiencia de preparação militar d'então e a explicação da victoria do Marne por uma intervenção miraculosa da Providencia.

Deu-se ares d'espontanea imparcialidade, verberando agora—depois que lhe meteram a verdade pelos olhos dentro—o facto de «uma gazeta franceza radical ter inconvenientemente e injustamente affirmado que nas linhas de fogo não havia nem padres nem milonarios...»

Vejamos porém em que termos:

«Procedeu mal essa gazeta, de cujas inconveniencias os nossos jornaes catholicos quizeram tirar conclusões desprimorosas para os partidos avançados francezes? Não ha duvida. Mas muito peor andou o padre Charvet abusando da influencia que exercia sobre os seus fieis, para incutir-lhes na alma o desanimo, dizendo-lhes que na batalha do Marne o exercito francez não tinha soldados nem munições.

O que quer dizer que o patriotismo francez não é exclusivo d'esta ou d'aquella classe, d'este ou d'aquelle partido e que em toda a parte em França, como em Portugal, ha gente ruim que nem ante a Patria em perigo sabe calar os seus odios mesquinhos.»

Peior que o calumniador (que foi legião) procurando excitar o odio popular contra o clero e contra os homens de fortuna, é pois o padre, que lembrando a insufficiencia anterior da preparação militar da França, por todos confessada hoje e tão brilhantemente resgatada pela obra extraordinaria de organização que se realizou depois, viu na desproporção entre o effeito e a causa natural o indicio do milagre e assim o proclamou, affirmando a protecção especial de Deus.

Factores de desanimo somos pois quantos taxamos de miraculosa a victoria de Nun'Alvares em Aljubarrota ou em Valverde, ou exaltamos o arrojo dos conjurados de 1640.

Gente ruim é a que levanta os animos aviventando a fé, accrescentando aos recursos naturaes da defesa da patria a força moral proveniente da crença na Providencia, que a protege!

Gente boa e patriota é a que em França procura—no jornalismo e até no parlamento—perturbar a *união sagrada*, desconhecendo o clero. São os d'essa legião de calumniadores da *Lanterne*, da *Humanité*, da *Dépêche* e dos seus numerosos satellites da imprensa radical socialista, taxando d'*embusque* os padres affectos ao serviço sanitario, como antes insistiam na calumnia dos *curés travaillant pour Guillaume*.

Um d'esses jornaes, o *Populaire du Centre*, de Limoges, reclama todos os dias que se mande combater para o *front* o clero celibatario, em substituição dos paes de familia. Pois esse jornal é redigido por três deputados, dois dos quaes são celibatarios e o terceiro viuvo sem filhos, todos três mobilisaveis e pertencentes a classes que estão na frente de combate! Reclamam a egualdade dos encargos militares, e vão permanecendo no palacio *Bourbon*!

E ainda o deputado socialista *Sinte-Quenin*, de 46 annos, encarniçando-se na Camara nessa campanha de calumnias contra o clero, em vez de imitar os collegas que se foram bater pela França. O seu sectarismo foi magistralmente desmascarado no parlamento, por de Gailhard-Bancel.

Peiores que esses todos é o padre, que crê na Providencia e taxa de miraculosa a victoria da Marne, crime que o academico Hanotaux e tantos outros perpetraram.

Esse padre, cujo patriotismo o tribunal sectario confessou, intenta no dizer da *Republica* «perturbar a serenidade confiante da hora suprema que a França vive.»

Esse caso, que agora já é declarado excepção,

«prova tambem e claramente que, apesar da «união sagrada» em França ser um bello e formidavel movimento em que todos os francezes, pondo de parte as divergencias que hontem tanto os separavam, se uniram para a defesa heroica da sua Patria, em todos os credos, em todas as seitas, em todos os partidos podem existir perturbadores, homens sem patriotismo que não hesitem em, neste momento, lançar entre os seus compatriotas a semente maldita da discordia.»

Os perturbadores da União sagrada, são por cá «as *gazetas catholicas*». Somos nós, que semeiamos a discordia, praticando o escandalo de argumentar e de desmascarar sophismas, os que estamos promptos a dar á Patria todo o nosso esforço, mas não abdicamos perante o sectarismo dominante, nem renunciamos á reivindicação pacifica dos nossos direitos e liberdades.

Odios, não os temos a ninguém. Detestamos o mal e o erro, mas para os seus fautores temos só a compaixão, que é no fundo a caridade christã. Lamentamos, sem odios, a funda deformação do bom senso e da consciencia nelles operada pelo fanatismo das lojas e pela óca declamação tribunicia.

Não fazemos arruaças, nem bombardeamos cidades, nem aliciamos soldados para conspirações, nem organizamos hordas de revolucionarios. Na hora do sacrificio ver-se-ha quem mostra por actos o patriotismo. Entretanto as *gazetas catholicas* vão pugnando intemeratas para que «a verdade não permaneça captiva da injustiça.»

Não attribuímos aos catholicos o monopolio do patriotismo, nem recusamos as devidas homenagens a quantos o manifestem. Embarçamos porém o passo á lenda calumniadora, oppondo-lhe a eloquencia victoriosa dos factos.

E vamos ao extremo do sacrificio accetando a *união sagrada* com certas gentes.

Nemo.

O homem vê...o politico prevê

«Não sabemos quem possa considerar sem tristeza a situação actual da nação grega; povo de tão grandes tradições, que já algum dia dominou o mundo pelas armas, e mais pela gloria incomparavel das artes e das letras, e se encontra uma vez mais reduzida a uma semi-servidão pela imprevidencia e indecisão politica dos seus dirigentes!

Isto nos traz, por bem comprehensivel associação de ideias, ao nosso caso, á tão honrada quanto sabia e clarividente politica, definida por El-Rei D. Manuel, desde o primeiro dia, em nome dos monarchicos portuguezes.

Não está El-Rei no throno; não tem ministros; não cabem aos monarchicos os deveres e encargos do governo, nem sequer os da sua fiscalisação, que não podem, por circunstancias de todos conhecidos, exercer efficazmente.

Não podemos dizer, nem temos que conjecturar agora, aonde nos condiziriam as negociações diplomaticas com o gabinete inglez, se vigorasse em Portugal a Monarchia ao estalar o presente conflicto. Dado que as conversas entre as chancellarias de Lisboa e Londres levaram, como se affirma, á participação militar de Portugal na guerra da Europa, tambem não é um governo monarchico que tem a seu cargo o fazer mover aquelles *ressorts* intimos e mysteriosos, o proferir aquellas prestigiosas e candentes palavras, que fazem levantar um povo, e o põem em marcha contra o inimigo, por mais poderoso que seja, enclavinando na espada a mão febril.

Compete isso aos dirigentes republicanos, que são, na materia, os melhores juizes da *opportuniidade* e da *forma*. Teem elles procurado desempenhar-se da tarefa, e não pomos em duvida que consigam, no momento proprio, tudo quanto é indispensavel á honra da Nação, ligada por pactos solemnes.

Mas se El-Rei não podia operar como Soberano, que de facto não é, foi-lhe licito dirigir-se a *partidarios*, como chefe escutado e amado d'uma Causa que reúne sob a sua bandeira a maior e melhor parte da população do paiz.

Nessa alta qualidade, Sua Magestade El-Rei não teve uma hesitação, indicando aos seus amigos, logo no primeiro instante, que enfileirassem sincera e dedicadamente ao lado da Inglaterra no portentoso conflicto, em que esta grande nação mais uma vez, e como nunca, jogava os seus destinos.

Toda a gente de boa-fé, desde o principio, prestou homenagem ao que havia de probidade e de lealdade nesta attitudo de El-Rei, e na dos monarchicos, que a perflilharam com inteira conformidade de espirito, e não só por obediencia ás instrucções de Sua Magestade. Agora, porém, é finalmente tempo de que até os mais pessimistas reconheçam igualmente a larga visão politica, de que mais uma vez o Senhor D. Manuel deu prova.

Por certo, não seria necessario ter adivinhado o desfecho da guerra para que o supremo representante da Monarchia, se collocasse, e mandasse collocar os seus amigos, completamente ao lado da nação aliada. Está isso nas tradições que Sua Magestade symbolisa.

Quando o grande Napoleão assolava a Europa e tantos, com boas razões, julgavam chegada a hora utopica do Imperio Universal, Portugal não faltou á sua alliaça. D. João VI, por accordo com a Inglaterra—e mais do que isso, a seu conselho—retirou-se aos dominios do Brazil, frustrando assim o captiveiro, d'outro modo inevitavel, a abdicção, a que outros Reis tiveram que subscrever, e a ulterior retratação, sempre desagradavel de effectuar, mesmo quando muito justificada. E o nosso paiz foi, no continente, um dos poucos amparos da Inglaterra contra um poder nunca antes visto, e que parecia invencivel.

Quando, na guerra contra os *boers*, se chegou a acreditar na derrota da Gran-Bretanha, não faltou a esta—e á custa de que riscos e difficuldades internas e externas!—o auxilio de Portugal. E todavia, se as Republicas Sul-Africanas tivessem sahido engrandecidas da lucta, como tanta gen-

te predizia, que seria feito a esta hora, pelo menos, da nossa colonia oriental?

Com o Senhor D. Manuel no throno ou no exilio, a conducta dos monarchicos seria sempre, na actual guerra, conforme aquella que uma alliança secular, e sempre fielmente observada, impunha á dignidade do paiz.

Mas quem poderá hoje duvidar de que a politica de Sua Magestade não foi sómente a mais digna, senão tambem a mais util?

Ainda ha no mundo um ou outro visionario, que não confia na derrota completa da Alemanha. Quando isso se admitisse, e se acreditasse até no absurdo de que a Alemanha viria a sahir da presente guerra em estado de continuar sendo immediatamente uma potencia, ha uma coisa sobre que, desde o Polo Norte ao Polo Sul, não existe a menor discrepancia: é que nunca a Alemanha poderia já, no termo do actual conflicto, ficar com a hegemonia da Europa occidental.

Aconteça o que acontecer, e admitindo todos os impossiveis, hajá hoje uma certeza inconfutavel: é que Portugal continuará na esphera de influencia politica directa da Inglaterra, e na esphera de influencia indirecta, moral e intellectual, da França.

E' o grupo das nações occidentaes que nos interessa, e que ha de continuar a dar-nos o tom.

Pergunta-se agora—que ambiente teria hoje na Europa, na *nossa Europa*, a causa monarchica portugueza, e que sorte e que destino, se nós não tivéssemos desde o principio manifestado bem alto, bem insistentemente, por palavras e por factos, o que somos—*alliadophilos* por honra das nossas tradições e pelos mais elevados interesses do paiz?

Que futuro estaria reservado aos principios e ás aspirações que pretendemos fazer vingar, se pudesse ter prevalecido a calumniosa e infame campanha do nosso *germanophilismo*, felizmente desmentido por todas as declarações officiaes e pela attitudo, bem nitida e inconfundivel, da imprensa e das varias entidades monarchicas?

A função dos palradores é palrar, a dos bisbilhoteiros é bisbilhotar, mas a dos homens de Estado, como o Senhor D. Manuel e os homens publicos monarchicos, que o teem dignamente secundado—é prevêr e prevenir!...

PIOS

—em que cada um piará a seu gosto,

O «Pseudo» em liberdade

Prisão das suas testemunhas de defesa

No 2.º juizo de investigação criminal respondeu hoje pelo crime de vadiagem o catteirista José Luiz, conhecido pelo *Pseudo*. Como apresentasse testemunhas de defesa que provaram ser vendedor de cautelas, o juiz absolveu-o e mandou-o em paz.

A policia, á sahida do tribunal, capturou as referidas testemunhas, fazendo-as conduzir ao Governo Civil.

De uma entrevista recortamos estes significativos trechos:

«—Quer saber porque o meu paiz entrou na guerra, collocando-se ao lado da Russia, da França, da Inglaterra e da Italia?

—Por um ideal de Justiça, por amor do Direito e da Liberdade dos povos, evidentemente.

—Vamos devagar, observa o snr. Illiesco. E' bom não sacrificar a realidade ás phrases sonoras. O ideal que nos domina é simples—o ideal nacional. A Romania quer recuperar a Transylvania, a Bukovina e todo o terri-

torio onde vivem os seus irmãos sob o dominio dos hungaros. Lutamos pela liberdade dos romancos e pelo engrandecimento da nossa Patria—engrandecimento territorial, politico, economico, militar e moral. Entramos na guerra aproveitando um momento que só tarde, muito tarde, poderia repetir-se na Historia.

—Se não houvesse probabilidades de vencer, a Romania permaneceria neutral?

—Evidentemente. Tivemos dois annos para meditar. Armamos-nos, organizamos o nosso exercito, estudamos a situação politica e militar da Europa e decidimos entrar na guerra no momento opportuno, procurando realisar o maximo de beneficios á custa d'um minimo de sacrificios.

—Comtudo, a Romania lucta pela causa da Civilisação e da Liberdade na Europa, não é assim?

—Sim; mas tendo sempre em vista o seu interesse nacional. Se assim não succedesse, para que serviria o nosso sacrificio? Para a Historia celebrar o cavalheirismo e o martyrio de um povo que entrava na guerra como um voluntario romantico? Para se diminuir nos seus filhos, nos seus haveres, no seu prestigio?

Se a Romania não tivesse uma aspiração nacional definida a realisar, manter-se-hia neutral. Chegaria ao fim da guerra sem verter uma gota de sangue.»

A REPUBLICA

(TRAD. DE A. D.)

Ao escrever o livro intitulado *Espirito das leis*, Montesquieu estudou todas as formas de governo, os principios em que se baseiam, os elementos de força que possuem, e as causas do mal e da ruina que podem conter.

As principaes coisas que Montesquieu disse da republica, vamos reproduzi-las elucidando-as nos pontos que necessitem de elucidação.

Como disse Bossuet, a republica é um regimen, em que ninguém é subdito senão da lei, e em que a lei é mais poderosa que todos os homens. O seu principio é a virtude, como as honras (desejo de ser distinguido) são a mola das monarchias e como o temor é a mola dos Estados despoticos.

O principio das republicas é a virtude, o que não quer dizer que só nos Estados republicanos ha virtude; mas se não *houver virtude num Estado republicano*, este entra em decadencia e arruina-se mais depressa do que outro.

Effectivamente, num Estado despotico, basta que o chefe seja intelligente e sensato, e que todos o temam, para que tudo vá bem.

Num Estado monarchico, basta que o chefe seja intelligente e sensato, e que todos aspirem a ser distinguidos por elle, para que tudo vá bem ainda. Mas num Estado, em que não ha chefe, é preciso, para que tudo vá bem, que todos, ou a maioria, sejam sensatos e intelligentes, isto é, virtuosos.

Por *virtude*, Montesquieu entende a *virtude civic*, isto é, o amor da patria e das leis da patria. Ora, a este amor, que é a intelligencia e a sabedoria como uma especie de paixão por essa mesma intelligencia e essa mesma sabedoria, é que Montesquieu chama «virtude».

Na monarchia, quem faz as leis está a cima d'ellas, e, por isso, nada tendo que temer, pôde, sem o menor heroismo, fazê-las severas e até duras, para bem de todos; ao passo que na republica, sendo o cidadão que faz as leis o primeiro a soffrê-las, é necessário que seja muito virtuoso, para as fazer severas.

E' claro que numa monarchia, em

que aquella que manda cumprir as leis, se julga a cima d'ellas, não são precisas tantas virtudes como num governo popular, em que aquella que manda cumprir as leis, (e tambem quem as faz), sabe que lhes está submettido e que lhes aguentará o peso.

Esta virtude republicana é, no fundo, o amor da patria e das leis, que só tem por fim o bem da patria. Mas, para chegar áquella virtude, devemos necessariamente começar por ter outras, pois sendo ella o desinteresse e a abnegação do interesse pessoal, só a teremos se soubermos esquecer-nos de nós proprios, desprezar os pretensos bens e amar a igualdade, a pobreza e a frugalidade.

O verdadeiro amor da igualdade e o amor da verdadeira igualdade consistem em não termos a ambição de nos elevar a cima dos outros e em só ambicionarmos prestar ao paiz mais serviços do que os outros.

O amor da igualdade, numa democracia, limita a ambição ao unico desejo e á unica felicidade de prestar á patria maiores serviços que os outros cidadãos. *Nem todos podem prestar-lhe os mesmos serviços; mas todos devem prestar-lhos igualmente.*

Ao nascer, contrahimos uma imensa divida, que nunca lhe podemos pagar.

(Continua).

SECÇÃO AGRICOLA

Catecismo Agrícola

(Continuação)

o cal

Os terrenos do Minho, geralmente, não accusam uma regular percentagem de cal e, alguns mesmo, nem vestigios de cal apresentam.

As calagens estão indicadas para os seguintes terrenos: charnecas, terras ácidas, terras que tenham pouca areia e onde se verifique a pouca solubilidade da potassa, sódica e magnesia.

As grandes calagens exigem fortes adubações com estrumes de curral, do contrario, o poder mobilizador da cal, esgota os terrenos depois de os fazer produzir abundantemente no primeiro e segundo anno.

Conveniente é, pois, antes de empregar a cal, saber se a terra a tem ou não.

O meio mais pratico e facil que reconheço é o seguinte:

Cava-se aqui e alem uns torrões no campo em que desejamos saber se ha cal. Esses torrões secam-se muito bem seccos ao sol, durante dias, ou ao lume. Pisam-se e misturam-se bem. Pesam-se 150 grammas de terra em pó, que se deita numa pá ou colher de ferro, ou mesmo folha de ferro, pondo-se ao lume brando até que o pó fique bem queimado. Feito isto, deita-se o pó numa tijela de barro, em que se vae deitando agua até ficar num bôrrro delgado, que se mexe com uma vareta de vidro ou de madeira até que d'esse bôrrro desapareçam completamente as bôlhas d'ar. E', então, que se applica o ácido muriatico (espírito de sal marinho), 30 grammas, no bôrrro que está na tijela, e observa-se:

—Produz effervescencia activa? Neste caso ha uma boa percentagem de cal.

—A effervescencia é frouxa ou pouco notavel?

E' porque a terra não tem a cal de que precisa.

—Finalmente: a mistura não ferveu, é porque não há vestigios de cal.

Ahi tem o lavrador um processo simples, pratico e barato de saber, sem ir ao laboratorio, se as suas terras têm cal.

Elementos nobres

Os principaes elementos que entram na composição das plantas são: azote, potassa, ácido phos-

phorico e cal, elementos nobres de que a terra precisa para produzir.

Hortas

No Minho, dá-se o nome de horta ao lugar destinado a produzir hortaliças, principalmente couves. E nem todos os lavradores colhem couves, hortaliças, emfim, para as exigencias de sua casa.

Pois todos podem e devem ter abundantes e boas hortas.

Sabe-se que a beira-mar é a que melhor hortas produz; devido a quê? Aos terrenos arenosos e salgados. Pois reserve o lavrador para horta o seguinte adubo composto e empilhado e bem curtido; 3 partes de adubo de curral, 1 parte de areia, em camadas e, quando a pilha estiver completa, deite-lhe uma ultima camada de sal, de salgas de carnes ou sardinha e aguas de demolha de balcãhu.

Dissolvido o sal, que penetrou em toda a camada do estrume, empregue-se nas hortas o adubo assim preparado.

Forragens

Não sabe o lavrador o merecimento das plantas forraginosas ou, melhor, das plantas empregadas na alimentação do gado, hoje e sempre, uma das mais preciosas fontes de riqueza agricola.

Aqui, no Minho, só se conhece o azevem, a lingua d'ovelha, a serradela, muito pouco o trevo e menos ainda a luzerna.

Pois já aqui affirmei que todas as terras, quentes ou frias, seccas ou de regadio, expostas ás neves ou aos calores, todas podem produzir excellentes forragens ouervas para alimentação do gado.

Ha quem diga: — «o trigo não se dá no norte de Portugal por causa do frio!...» oh lavrador amigo: pois a Russia, paiz das grandes nevadas, não é productiva em trigo e milho? E': logo onde está a differença? Na escolha de sementes e nas adubações adequadas no que, em geral, se cifra toda a agricultura. Com as forragens dá-se o mesmo.

Turnepos

Não conheces? Nem eu, mas procura-se a semente nas casas hortícolas de Lisboa e Porto e experimenta-se.

Que é?—Uma especie de nabo que serve para a alimentação do gado, em inglez chama-se *turnips* e o seu nome scientifico é: «*Brassica rapa*» ou «*Brassica napus*»; a primeira dá nabos globosos e, a segunda, nabos oblongos e achatados. Planta destinada a alimento do gado e a limpar as terras de hervas bravas. Semeia-se depois do corte dos centeios ou trigos, com uma lavragem profunda.

Serradela

Quer terreno leve e profundo. Deve semear-se desde agosto a fins de outubro em terrenos delgados que não tenham cal.

Produz bem em todas as terras seccas do Minho.

Orôbo

«*Ervilha de pombo*», «yero» em hespanhol. Leguminosa especie de lentilha; da familia das leguminosas, propria dos terrenos seccos, áridos e calcareos. E' muito folhuda: fructos de 2 ou 3 sementes.

E' uma forragem quente e substancial em excesso, pelo que se não pode dar aos animaes senão em porções com outras forragens, herva ou palha.

Enterrada em verde dá um excellent adubo azotado.

Herva da Guiné

«*Panicum altissimum*», forragem vivaz de grande duração. Vejeta muito e é considerada das

principaes plantas forraginosas. Reproduz-se por sementes ou lascando os pés e renovos que de novo se plantam. Prefere os terrenos humidos.

Pode-se semear em viveiro e transplantar.

(Continua).

Maurice Barrès

D'um bello artigo em que, na *Liberdade*, o nosso illustre collega snr. dr. Pinheiro Torres se dirige ao snr. dr. José d'Arruella, apoiando a iniciativa d'este nosso presado amigo para a homenagem dos monarchicos e dos catholicos portuguezes a Maurice Barrès, destacamos este trecho:

«Barrès é sem duvida um dos mestres do pensamento contemporaneo, e um dos patriotas que melhor representa hoje a alma franceza.

Elle presidiu ao renascimento do nacionalismo francez; elle foi um dos maiores despertadores das energias francezas. Elle agitou contra uma demagogia infame e destruidora os ideaes de ordem, disciplina, unidade, auctoridade, noções que lhe devem em grande parte a sua indiscutivel auctoridade.

Elle preparou uma geração que á indifferença egoista da precedente substituiu um fecundo desejo de acção inspirada pelo sentimento patriótico e pela consciencia do dever social. Conio pôde um catholico esquecer a sua luta a favor das Igrejas de França, condensada num livro que tem paginas das mais bellas que em francez se tem escripto? Como ha de um catholico esquecer a sua defeza das ordens religiosas e não proclamar a efficacia dos seus methodos? Que bellas paginas não escreveu elle sobre Santo Ignacio de Loyolla? E o final da sua *Colline inspirée*, o famoso dialogo que nos mostra a Igreja, como a paz, a disciplina, a regra, a cidade ordenada das almas? Não é certo que se o seculo XX tiver o seu *Genio do Christianismo* será Barrès quem o ha de escrever?»

Além dos nomes que fazem parte da Grande Commissão de homenagem á França representada por Barrès, auctorisaram a inscripção dos seus nomes os snrs: João Costa, dr. Ruy Ulrich, conde de Monsaraz, dr. Francisco Veloso, conde de Agueda, José de Faria Machado e Aprigio Mafra. Outras inscripções se esperam igualmente de significativo relevo intellectual e politico. Quem desejar desde já assignar a mensagem pode fazê-lo inscrevendo o seu nome numa folha de *papel officio* e procurando obter para essa folha a assignatura d'outras pessoas.

Tambem podem assignar desde já na rua Nova do Almada, 53, 2.º, D., escriptorio do snr. dr. José d'Arruella.

EXPEDIENTE

Estando prestes a vender-se o 1.º semestre do 3.º anno do nosso seminario, rogamos a todos os snrs. assignantes que ainda o não pagaram, a subida fineza de o fazerem com a possivel brevidade, obstando assim que accumulamos sacrificios pecuniarios com aquelles que derivam do trabalho penoso e de verdadeiro sacrificio intellectual que a preparação

do jornal, na hora presente, nos occasiona.

E' preciso que todos se convençam que hoje não se fazem jornaes com a mira em lucros. E se, em grande parte, se sustentam, é mais pela necessidade que ha da existencia de um baluarte que diga ao povo as coisas como ellas são e muitas vezes para não ficarem sem pão os modestos obreiros que da imprensa fazem a sua profissão.

NOTICIARIO

Avenida Candido Reis

Desde ha muito que a imprensa vimaranense vem pugnando por que olhos misericordiosos se viressem para verem o estado lastimoso, verdadeiramente intransitavel, em que se encontra a Avenida do Commercio, que os nossos edis crismaram para a que nos serve de epigraphe.

Parece incrível, mas é verdade, que a direcção das Obras Publicas do districto abandonou por completo esta cidade, pois apesar das repetidas queixas que pela imprensa lhe tem sido apresentadas, ainda não houve um maldito que sobre nós deitasse os seus olhos misericordiosos.

Ultimamente, o activo correspondente d'esta cidade para os «Echos do Minho» disse, no seu n.º 1.087:

«Voltamos hoje a occupar-nos das tão necessarias quão urgentes obras de que a Avenida Candido Reis necessita.

A imprensa tem-se cansado de reclamar as providencias que o caso requer, mas, tendo sido até hoje, baldados os seus titanicos esforços, sente-se algo desfallecida!

Não, carissimos collegas; luctemos com persistencia; porque quando a causa por que luctamos é justa, a nossa teimosia, longe de o ser, será antes classificada um acto patriótico, reclamando aquillo a que a cidade de Guimarães tem incontestavel direito.

Vamos, carissimos collegas; mãos á obra.

A Avenida em questão, não pode, por mais tempo, continuar a permanecer em tão miseravel estado de deterioração!

Ex.ªs. Senhores das Obras Publicas; os vimaranenses tem direito a que os escutem; a que os attendam! Pagam pesadissimas contribuições ao Estado, e, se as pagam, tem jus a que do seu producto alguma percentagem seja dispendida em favor dos necessarios melhoramentos da sua terra.

Não pedimos, nem reclamamos luxos; pedimos sim, e reclamamos, obras inadiaveis e de urgentissima necessidade.

A Direcção das Obras Publicas conhece de sobejo a justiça que nos assiste.

A Associação Commercial de Guimarães, já o anno passado, bem claramente lhe fez sentir quanto se tornavam urgentes as obras de reparação naquella Avenida.

Não nos quer attender? E se assim é, porque?

Acaso reclamamos alguma impertinencia injusta? Não! mil vezes não! E' só justiça; Collegas da imprensa; Associações, legitimas representantes das forças vivas da cidade; empreguemos todos os nossos esforços em prol de tão justa causa.

Para a frente é o caminho; luctemos até que justiça nos seja feita.»

Sim, vamos a isso. Se a nossa voz se não perde no deserto, on-

de tantas vezes se tem perdido já, que ouçam mais esta trombeta:

Senhores das Obras Publicas: se não querem que um dia se lamentem algum desastre, devido ao estado em que se encontra aquella arteria da cidade, ordenai que o seu concerto se faça desde já, e já não é sem tempo.

Nossa Senhora d'Ajuda

Esteve brilhante a festa feita a esta linda imagem que se venera na sua capellinha ao fim da rua de D. João I.

No sabbado queimou-se alli bastante fogo e houve um vistoso arraial.

No domingo houve a costumada festividade religiosa, sahindo á tarde uma linda procissão, que, na melhor boa ordem, percorreu algumas ruas da cidade.

Nella ia o Santo Lenho, a linda imagem de Nossa Senhora e grande quantidade d'anjinhos.

A' noite houve um vistoso arraial tocando duas bandas de musica; uma de Guimarães e outra de Vizella.

Verdades... Verdades...

O *A' Ultima Hora* jacobino diario da capital, publicava ha dias estas verdades:

«O povo supôz que a vinda da republica lhe melhoraria as condições economicas. E' o melhoras!...»

Os estadistas da republica demonstraram á evidencia dos factos, que entre a teoria e a pratica ha uma enorme differença.

Prometer não custa. Cumprir é que é o diabo. Nem appareceu o *bacalhau a 80 réis*, nem a *felicidade de que fallaram* imponderadamente, nos comicios.

A isto não ha que accrescentar. Quando elles assim fallam, que devemos nós dizer?...

A nova estrada da Penha

Já foi arrematado o ultimo lanço da estrada municipal que de Guimarães nos conduzirá mais commoda e rapidamente á formosa montanha Santa da nossa encantadora Penha.

Theatro Gil Vicente

Hoje, com duas sessões, ás 8 e 9 1/2 horas da noite, inaugura-se no Theatro Gil Vicente o *Cinema Chantecler*, com a exhibição da interessante pellicula em 4 partes *A Corte Marcial*, *A Noiva do Aviador*, em 2 partes e duas outras comicas.

Os preços, são: Camarotes, 700. Balcão, 160. Cadeiras, 140. Superior, 120 e Geral, 80 réis.

VENDE-SE

O Palacete Minotes, sito no Largo das Lamellas, onde está funcionando o Collegio do snr. Padre José Maria da Silva.

Para tratar com o snr. João Alves Pimenta, solicitador, na Praça de S. Thiago, d'esta cidade.

3.000\$000 REIS

Dão-se a juro, sobre hypoteca.

Para esclarecimentos, fallar com o proprietario da Typographia Minerva Vimaranense, Rua de Paio Galvão, 70.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaranesse

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:

Em brochura. 50 réis
Cartonado. 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:

Em brochura. 50 réis
Cartonado. 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:

Em brochura. 100 réis
Cartonado. 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:

Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço. 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares. 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes

Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha. PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 réis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracão: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada

Director: FRANCISCO DE ALMEIDA

Auctor do Dicionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag.. 1\$500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, aparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administracão

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135—LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

A Verdade Portugueza
A hypothese do Homo Europæus
O genio occidental
O espirito da Atlantida
A theoria da Nacionalidade
Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 réis

Accresce o porte do correio, 50 réis

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pagas, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL

LARGO DE CAMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE — O consoçio Antonio Luiz da Silva Dantas.

Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infantil contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a forma da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a forma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da forma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I

A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Média.

II

Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III

O achatamento terrestre

O problema do achatamento por posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A forma da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrífuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geode.

V

Theoria tetraedrica da forma Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos mares da terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha
Anno 1\$300 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Estados U. do Brazil (anno) . 2\$000 "
Paizes da União Postal . . . 2\$500 "
Numero avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

(Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetições, por linha. 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um. 100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de] Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episodio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesse R. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 23

Ex.^{mo} Snr.